

**TRADIÇÃO POPULAR.** Ruas com bandeirinhas, fogueira, milho – muito milho. Palcos tecnológicos, forró eletrônico, festas mais refinadas. Dois ‘São Joões’ distintos parecem ter sido criados no Brasil e, ao contrário do que se pensa, eles vêm convivendo bem, obrigado! Hoje o Caderno B conta um pouquinho mais dessas duas histórias, casos distintos de amor junino

Com quase duas mil + músicas já compostas, Riccardo Lima lança CD todo dedicado ao ritmo do forró. B4



Domingo 28/06/2015

# SÃO JOÃO: RECUPERADO E REPAGINADO

LARISSA BASTOS  
REPÓRTER

As ruas, em especial os postes, são decoradas com fitas. A fogueira é acesa perto da meia-noite – em alguns casos, às 20h. Com o clima ameno, famílias se juntam em volta do fogo para rodadas e mais rodadas de dança. Numa mistura de tradições pagãs e religiosas, a alegria parece tomar conta da festa, que serve para um tudo: desde trazer fertilidade nas colheitas até ajudar moças sonhadoras a arrumar um bom marido.

Até aí tudo bem familiar. Mas é nessa época também que, de acordo com a antiga crença, bruxas, fadas, duendes e toda a sorte de criaturas mágicas tentam mostrar às pessoas sua futura felicidade. Uma aura mística que permanece até hoje, quando ainda se vê jovens pelos campos colhendo flores, que, à noite, serão depositadas sob o travesseiro, na esperança de que o futuro lhes seja mostrado em doces sonhos.

Estranhou a última parte? Nunca viu isso no São João da sua rua? Talvez porque estejamos falando do Juhannus, a comemoração pelo solstício de verão que, vinda da Idade Média, segue mantida na Finlândia – por lá, as celebrações, que também lembram São João Batista, acontecem de 20 a 26 de junho, sem uma data específica para enaltecer o santo que viria a ser o mais emblemático do Nordeste isueiro.

Seja em terras finlandesas ou nas nacionais, os tejos juninos – a marpara a colheita do milho (no Brasil) ou para a

noite mais curta do ano (na Europa) –, se cimentaram nos calendários. Por aqui, a magia é lembrada nas mais diversas frentes e ecoada por vozes como a de Luiz Gonzaga. “Foi numa noite igual a esta / Que tu me deste o coração / O céu estava assim, em festa / Pois era noite de São João”.

Já se vão mais de 60 anos desde a célebre composição cantada pelo pernambucano da semiárida Exu, mas as noites de junho parecem continuar tão fascinantes quanto as entoadas pelo Rei do Baião. Mesmo transformada, como toda a sociedade de ao redor – pessoas, lugares, objetos já não são os de outrora –, a festa permanece com o poder de despertar paixões.

E, como se vê, não só nos corações nordestinos. Marcadas no imaginário brasileiro, talvez com um pouco menos de relevo ao Sul do País, as celebrações aos três santos do mês, Santo Antônio (o casamenteiro), São João e São Pedro, se provam mais atuais que nunca – seja em volta da fogueira, assando milho e ouvindo o trio pé de serra, seja nos grandes shows patrocinados pelas prefeituras.

Apesar da melancolia de muitos, o fato é que os diversos ‘São Joões’ parecem ter encontrado um meio de viver harmonicamente entre si. A história da festa muita gente já conhece (mais sobre ela na página B2), mas como uma comemoração rural, de caráter eminentemente católico, consegue se manter tão atual em um País com perfil agora urbanizado? Se transformando, como explica o



**ELDER MAIA**  
SOCIÓLOGO  
“Se ouve muito, todo mundo fala, que essas grandes festas eliminam a tradição, mas é justamente o contrário: são essas festas que projetam, que nararam a tradição. Há uma crônica ali”

sociólogo Elder Maia, professor da Universidade Federal de Alagoas e autor do livro *A sociologia de um gênero: o baião*.

“É impossível, sociologicamente falando, continuar com uma festa familiar quando as cidades cresceram e se industrializaram de maneira muito forte. Quando as cidades se transformaram, se urbanizaram, elas inventaram outra festa. É a mesma coisa do Carnaval. O Carnaval também passou por transformações profundas, mas ele sempre foi uma festa urbana, porque começou nos grandes centros urbanos”.

Entre essas transformações, está o surgimento das comemorações juninas como conhecemos hoje, nos “palhoções urbanos”, ao som de forró eletrônico. Para os mais saudosos, a morte da tradicional celebração nordestina. Na opinião do sociólogo, a mudança foi necessária para que ela continuasse com força total. E uma

alteração no percurso não necessariamente ruim.

“Uma coisa não anula outra. Se ouve muito, todo mundo fala isso, que essas grandes festas eliminam a tradição, mas é justamente o contrário: são essas festas que projetam, que nararam a tradição. Há uma crônica ali”, expõe ele, que cita como exemplo desse resgate cultural o vaqueiro, patrimônio imaterial nordestino e hoje figura viva, talvez até um pouco desbotada, apenas nas lembranças dos mais velhos.

Ou, como é o caso, na época de São João. “No Nordeste não existe mais o vaqueiro, ele desapareceu; tanto que é patrimônio imaterial. Nos anos 1950, 1960 não era preciso fazer dele patrimônio, porque ele não estava em extinção, a prática dele, o canto, o aboio e tudo que o representa. Mas hoje, empiricamente, ele não existe mais, porque as condições de trabalho se transformaram por inteiro e o vaqueiro era um trabalhador que vivia na penúria. Mas se você chegar em Campina Grande agora, em Caruaru, estão lá os vaqueiros, com todos os apetrechos. Então a narrativa histórica está toda ali”.

O mesmo serve para outras tradições, como o casamento na roça, o canção, as danças típicas, as comidas feitas a partir do milho – plantado em fins de fevereiro e colhido nessa época. Tudo parece renovado anualmente com a força adquirida pela “nova geração” de festas juninas, que, ao contrário do que se possa pensar, surgiu bem longe do Nordeste. Mas refeita, claro, a partir dele.

## PALHOÇÕES: DE SÃO PAULO PARA O NORDESTE

Sabe o palhoção do seu bairro? Não foi bem por aqui que ele foi criado, não. E nem por perto. É preciso voltar no tempo e se mover no espaço para entender o surgimento do São João moderno. Foi na São Paulo do finalzinho dos anos 1960, depois do auge da migração nordestina, que esses espaços de convivência junina ganharam vida.

A ideia se materializaria no reduto dos baianos, o bairro de São Miguel Paulista, e viria saída da mente do empresário Pedro Ernesto, natural de Euclides da Cunha, na Bahia. “No final dos anos 1960 começou a existir na periferia de São Paulo e do Rio o que seria o São João de hoje, em que a gente vai para ver atrações musicais. Entre os migrantes nordestinos, surgiram empresários que começaram a perceber um filão. E aí o Pedro Ernesto criou, entre 1967 e 1968, o que seria mais ou menos um palhoção”, explica o professor Elder Maia.

Nas estruturas montadas por ele e por outros que vieram depois, passaram nomes como Clemilda, Marinês e Luiz Gonzaga, estrelas do rádio na época – o Rei do Baião já na fase mais decadente de sua carreira. A cada apresentação, uma média de cinco a dez mil

pessoas, em sua maioria filhos do Nordeste, se amontoava no espaço para lembrar as origens e dar início, ainda que sem saber, às comemorações juninas no formato atual.

Com a expansão, logo os festejos começaram a brotar na parte de cima do mapa brasileiro. O primeiro deles foi o de Caruaru, seguido por Senhor do Bonfim e, um pouco depois, em 1986, por Campina Grande, que ainda nem sonhava com seu Parque do Povo, capaz de abrigar cerca de 100 mil pessoas por noite em suas muitas ilhas com as mais diversas atrações.

“Esse modelo de festa, esse desenho organizacional, começou no Nordeste, também no campo de São Cristóvão, e com cobrança de ingresso. Era uma festa privada. As primeiras festas de rua no Nordeste com atrações culturais, banda, que a prefeitura organizava, com envolvimento dos empresários locais, aconteceram no início dos anos 1980, em Caruaru. Antes o São João era nas casas, as pessoas se reuniam em volta da fogueira com milho,

bebidas, dança, e ouviam Luiz Gonzaga”, completa o sociólogo.

Mas e quando nem a dança existia? **LB** **Continua na página B2**



TRIBUNA INDEPENDENTE

### Exposição Avulsas Inoportunas

A Pinacoteca Universitária recebe, a partir de hoje (11), às 20h, a exposição Avulsas Inoportunas, de Alessandra Cunha. Trata-se de uma experiência pictórica iniciada com a criação de diários de tecidos, onde a artista escreve e desenha o que surge no dia, baseando-se em instinto e sentimentos. Em certo momento decreta que as pinturas estão prontas, equilibradas, belas e, em seguida, as guarda

### Pinacoteca

Em cartaz na Pinacoteca Universitária até o dia 24 de julho, a exposição Avulsas Inoportunas, de Alessandra Cunha. Trata-se de uma experiência pictórica iniciada com a criação de diários de tecidos, onde a artista escreve e desenha o que surge no dia, baseando-se em instinto e sentimentos. Em certo momento decreta que as pinturas estão prontas, equilibradas, belas e, em seguida, as guarda por uns dias, dá outra olhada e sente que falta algo, falta estragar a imagem. Visitação: De segunda a sexta, das 8h às 18h; sábado, das 9h às 13h.

QUINTA-FEIRA  
MACEIÓ - ALAGOAS  
11 DE JUNHO DE 2015  
Nº 2367  
R\$ 2,00

# TRIBUNA

INDEPENDENTE

EXEMPLAR DO ASSINANTE

tribunahoje.com



Rachel Rocha assegura que não tem como gerir a universidade sem a parceria do governo federal

### FATOS & NOTÍCIAS

fatosnoticias@gazetaweb.com

**Estágio** A Justiça Federal em Alagoas está com inscrições abertas, até o dia 22, para o processo seletivo destinado ao preenchimento de vagas de estágio não obrigatório em Direito e à formação de cadastro de reserva.

**Monitores** A Ufal inscreve, até 5 de julho, para processo seletivo de tutor presencial e a distância da Universidade Aberta do Brasil. São ofertadas 32 va-

gas, além de cadastro de reserva. As inscrições são feitas pelo site [www.ead.ufal.br/inscricoes](http://www.ead.ufal.br/inscricoes).

**Vacina** A campanha de vacinação contra a Influenza continua nas unidades de saúde até que Maceió atinja a meta de imunizar 80% do público-alvo, pouco mais de 160 mil pessoas. Até quinta-feira, o município já havia atingido 77,14% desse total.